

O QUE DIFERENCIA UMA AULA DE GEOGRAFIA DAS DEMAIS MATÉRIAS DA ESCOLA? REFLEXÕES SOBRE OS CONTEÚDOS DAS AULAS DE GEOGRAFIA E SEU ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO

Vitor Scalercio

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Colégio Pedro II
vitor.scalercio@gmail.com

RESUMO

O artigo tem como propósito problematizar o que confere identidade sob o ponto de vista epistemológico a uma aula de Geografia na educação básica. Através do formato de um ensaio e com uma linguagem que estabelece um diálogo com o professor, o texto aponta para a relação direta entre Raciocínio Geográfico e o Ensino de Geografia e defende a Geografia enquanto uma ciência capaz de explicar a distribuição espacial dos fenômenos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Epistemologia da Geografia e Raciocínio Geográfico.

WHAT MAKES A GEOGRAPHY CLASS DIFFERENT FROM OTHER SUBJECTS AT SCHOOL? REFLECTIONS ABOUT THE GEOGRAPHY'S EPISTEMOLOGICAL STATUS

ABSTRACT

The main of this article is to problematize what made a class been identify as a Geography class. Establishing a dialogue with high school teachers, this text points a direct relationship between Geographical Reasoning and Geography Teaching, presenting the idea that Geography, as a science, is capable of explaining the spatial distribution of phenomena's.

Keywords: Geography teaching; Geography epistemology; Geographical reasoning

INTRODUÇÃO

E no final da aula, os alunos perguntaram:

-Professor, qual é a matéria da prova de geografia?

-Sem hesitar, o professor respondeu: formação territorial brasileira, industrialização brasileira, modelos de produção e doutrinas econômicas.

Para um professor de geografia, ou mesmo para os discentes, acreditamos não restar qualquer dúvida de que os conteúdos anunciados na conversa dizem respeito ao temário da disciplina. Esses temas constam em livros didáticos e são constam tradicionalmente em aulas do ensino médio, além de serem amplamente cobrados por exames de vestibulares. Detalhando um pouco mais o possível “conteúdo da prova”: processo de formação e ocupação do território brasileiro, capitânicas hereditárias; ciclos econômicos (aqueles tradicionais, pau-brasil, cana, mineração e café); industrialização (geralmente recortando-se por períodos de governos: Vargas, JK, Militares e pós década de 1990); além das doutrinas, keynesianismo, neoliberalismo e dos modelos de produção, especificamente fordismo e pós-fordismo.

Ainda que esses itens sejam inequivocadamente trabalhados pela Geografia escolar - originando aulas de geografia – pensemos na seguinte problematização: necessariamente, trabalhar esses temas ou itens, garante que estejamos tendo uma aula de Geografia ou estudando para Geografia? É certo que é muitas vezes difícil definir o que é próprio do temário geográfico, visto que disciplinas coirmãs das humanidades trabalham temas muito próximos, quando não iguais. Seria prepotente, e até sem sentido, quereremos para si a posse de certos conteúdos e discussões. Nasce dessa sobreposição, inclusive, o louvável exercício, visto com mais força desde os anos 2000, de praticarmos a interdisciplinaridade (provas de vestibulares operam desde então esse esforço, ficando muitas vezes pouco nítida o limite de qual disciplina aquela ou outra questão pertence).

Mas o nosso ponto problema não reside aí. Qual foi o professor que nunca ouviu os alunos falarem que já tiveram aula – mas em outra matéria - daquele

conteúdo que estava trabalhando? Será que os alunos conseguem diferenciar uma aula de “Revoluções Industriais” dada pelo professor de Geografia daquela do de História? Em outras palavras, se a turma já teve aula de Revoluções Industriais com o professor de História, seria redundante a mesma temática numa aula de Geografia? Acredito que a maioria dos professores acabam por responder que a Geografia tem um viés, um “olhar geográfico”. Mas que abordagem é essa?

Esse texto trata-se de um ensaio sobre a relação direta entre Raciocínio Geográfico e o Ensino de Geografia ou a Geografia Escolar que se pratica cotidianamente nas escolas. As ideias e sentidos trazidos aqui derivam do entrecruzamento das experiências docentes na Educação Básica refletidas e tensionadas a partir das leituras de Cavalcanti (2013, 2019); Duarte (2017); Mérenne-Schoumaker (1999) Gomes (1997, 2009, 2012, 2017); Lacoste (1989); Santos (2009); Roque Ascenção & Valadão (2014, 2017) e Straforini (2018).

Dessa forma, temos nossa questão central: o que caracteriza uma aula propriamente de Geografia? Se nos currículos escolares (ainda mais em tempos de BNCC e de instauração de itinerários formativos no ensino médio) há uma série de sobreposições de conteúdos, conceitos e discussões, de que maneira a abordagem da Geografia pode se distinguir das demais disciplinas escolares? Recapitulando, podemos formular algumas indagações que, ainda que possam ser consideradas aparentemente simples, são bastante complexas e potentes: a) Pensar ou raciocinar geograficamente, o que é? Qual a importância? e b) De que maneira podemos definir algo como geográfico?

Uma epistemologia geográfica

De antemão, é preciso termos em mente que a Geografia é um campo do conhecimento científico. Entre muitas outras coisas, isso significa que a geografia tem uma história de formação ao longo de muito tempo, mais significativamente a partir dos séculos XVIII e XIX, e acumula desde sempre uma série de debates em torno de si mesma: o que ela é; o que estuda e como estuda. Essa reflexão de uma ciência sobre si mesma é chamada de epistemologia.

Pensar a Geografia como campo do conhecimento é fundamental na medida em que muitos alunos não se dão conta de que ela é uma ciência. E no caso da Geografia, este debate se torna ainda mais pertinente devido ao caráter multifacetado e plural dos estudos geográficos. Ou seja, ao longo dos anos dos ensinamentos fundamental e médio, os jovens se deparam com aulas que vão de estrutura interna da Terra, rochas, processos erosivos, clima, vegetação – temário este identificado como geografia física – até indústria, cidades, campo, relações geopolíticas, fontes de energia, demografia – que seriam a geografia humana.

A experiência em sala de aula nos fez perceber a enorme dificuldade dos alunos de responderem a simples pergunta epistemológica: o que a geografia estuda? Respostas vagas são a regra. O silêncio e a expressão de dúvida também, além de certa aflição de não conseguirem responder algo que parecesse ser tão óbvio. Das respostas que aparecem, estudar a relação sociedade-natureza é uma das mais recorrentes delas. Mas quando pedimos para os alunos explicarem um pouco melhor o que isso significa, surgem imprecisões. A maioria tende a responder o questionamento apontando os conteúdos que já estudaram nas aulas anteriores. Ora, nesse caso, a Geografia estudaria os rios, as cidades, a economia, a política, parecendo ser concreto e evidente seus propósitos. Parece-nos que os alunos conseguem melhor “definir” as disciplinas a partir da concretude das coisas e fenômenos que elas estudam; seus conteúdos propriamente ditos. Biologia estudaria o corpo humano, os reinos, a estrutura das células. A Matemática os números, as operações, os cálculos. Só que isso não seria um problema para a Geografia? Teria a nossa ciência o monopólio de algum componente específico ou objeto concreto de estudo?

Entendendo que a Geografia é uma ciência, não uma enciclopédia, exige-se que ela possua uma delimitação e propósitos específicos de estudo. Tentar definir o que é da Geografia através do que ela estuda é problemático devido à própria natureza desta ciência, pois, muitas das coisas que estudamos, outras ciências também estudam. Neste sentido, questionamos: se a Geografia estuda muitos conteúdos que a Biologia (solos, vegetação, por exemplo), a História (revoluções industriais, ciclos econômicos do Brasil, Guerra Fria) ou Sociologia (urbanização,

modelos de produção) estudam, por que ela existe? Por que é uma disciplina presente escola? Por que tê-la se há tantas sobreposições com os conteúdos de outras matérias?

Se não sabemos bem o que ela é e para que pode servir, ou o que pode nos fazer pensar, a Geografia pode acabar por perder importância e propósito na construção de raciocínios e pensamentos, que é fundamental dentro da escola. Sabemos que durante muito tempo, e talvez até hoje, a Geografia tenha sido vista como matéria em que se faz necessário decorar coisas, ou então, relacionada ao um conjunto de dados e informações enciclopédicas. Mas sabemos que apenas descrever ou acumular dados não são suficientes para produzir e operar com o raciocínio geográfico.

Como hoje em dia resolvemos grande parte dos nossos questionamentos e dúvidas na internet, resolvemos fazer uma busca rápida no Google, com a entrada “o que é geografia” e obtivemos a seguinte definição:

Figura 1 - Recorte do principal resultado da pergunta sobre o que é geografia no site de buscas Google



Vejamos. Descrever a Terra e estudar fenômenos físicos, biológicos e humanos nos parece excessivamente vago. Dessa forma, dá ares de que a Geografia estuda qualquer fenômeno e isso requereria de profissionais da área uma capacidade infinita de reflexão sobre todas as coisas. Na verdade, como consequência, aplicaríamos um alto grau de superficialidade sobre as temáticas tratadas em nossas aulas, pois nunca daremos conta de tratar tudo com a complexidade exigida.

Precisamos, portanto, delimitar um propósito, uma especificidade e contribuição que sejam próprias da Geografia. As aulas precisam construir reflexões singulares calcadas na possibilidade de pensar e raciocinar, sendo mais do que urgente que os alunos tenham maior precisão e clareza sobre os propósitos da ciência geográfica.

O raciocínio geográfico

Vejamos as perguntas (aparentemente aleatórias) a seguir:

- Por que a neve no Brasil é um fenômeno tão raro?
- Por que o Brasil não é atingido por terremotos devastadores?
- Por que chove tanto no verão no Sudeste?
- Por que a Amazônia é o bioma com maior cobertura vegetal ainda preservada?
- Quais são as marcas de automóveis presentes no Brasil?
- Por que o Rio de Janeiro é a cidade mais cara para se comprar e alugar imóveis no Brasil?
- Por que o estado de São Paulo é o mais rico e industrializado?

Todas essas indagações podem aparecer nas aulas de Geografia e dizem respeito a conteúdos que compõe direta ou indiretamente o temário da disciplina nos currículos escolares. Porém, o que todas essas indagações têm em comum? Em que medida podemos vê-las como questões geográficas? Todas partem de um dado de localização. O que tem aqui e o que tem ali. Por que aqui é desse jeito e lá é de

outro. E quais são as causas/consequências dessa localização? Ela se relaciona com o quê? Influencia o quê? Em resumo: Onde, como e por quê?

Dizer que algo é geográfico é, antes de qualquer coisa, pressupor que há uma localização e esta pode ser explicada. Existe uma lógica, uma razão dessa localização, pois ela não é obra do acaso. Por exemplo, uma indústria pode ser entendida como uma atividade econômica. Podemos estudar as relações de trabalho que nela ocorrem, ou os modelos de produção existentes (pré-fordista ou pós-fordista) resultando numa discussão sociológica. Da mesma forma, estudar as razões que levaram ao surgimento das primeiras fábricas no mundo, numa perspectiva histórica. Já a Geografia das indústrias dirá respeito à distribuição espacial delas, ou seja, onde estão e como estão distribuídas pelo espaço.

Façamos o seguinte exercício mental sobre as coisas: certo fenômeno acontece em todos os lugares? Se não, podemos afirmar que ele não se distribui de maneira espacialmente homogênea. Logo, onde ele ocorre? Por que se concentra em certos lugares? Por que não existe em outros? Retomemos o exemplo das indústrias. A industrialização é um dos fenômenos mais importantes dos últimos dois séculos, mudando o mundo e todas as relações e processos existentes. Todos os países são industrializados? Há indústrias em todos os lugares? Onde elas estão concentradas? Por que certos países são muito mais industrializados que outros? As razões que justificam a existência de uma fábrica em um certo lugar hoje são diferentes de 50 anos atrás. No passado as indústrias tendiam a se concentrar em grandes cidades. No início da revolução industrial inglesa, as fábricas tendiam a ficar próximas das fontes de carvão, hoje não mais. Por quê? O que mudou? O que explica esses diferentes padrões de localização? Entender tais padrões e processos associados nos permite compreender, por exemplo, as dinâmicas migratórias dentro do território nacional e mesmo entender por que certas localidades das metrópoles brasileiras tiveram indústrias fechadas e entraram em decadência.

Outro exercício, mas com um tema totalmente diferente: a chuva. Em todo lugar do mundo chove? Por que em alguns chove mais e outros menos, às vezes, nada. Chove com a mesma intensidade na cidade do Rio de Janeiro ao longo do ano inteiro? Logo, quais são os fatores que explicam o regime de precipitação na

nossa cidade? Quais são as consequências disso? Saber isso tudo nos ajudará a pensar melhor, por exemplo, como deve ser o planejamento urbano e quais as soluções para diminuir os impactos das chuvas torrenciais que desalojam e fazem vítimas todos os anos.

Vejam que a questão geográfica, ou pergunta geográfica, em nenhum momento se limita a simplesmente localizar as coisas. A localização é apenas o ponto de partida que inicia o raciocínio geográfico. Raciocinar geograficamente é estabelecer relações, descobrir conexões entre diferentes elementos, que podem ter posições diferentes, que ajudam a compreender a distribuição espacial dos fenômenos. Este raciocínio permite desvendar as tramas envolvidas e elencar um conjunto de elementos que possibilitam explicar o onde, o como e o porquê das coisas estarem onde estão.

Retomando os questionamentos ilustrativos, pensemos numa temática típica das aulas de geografia física, como clima e vegetação. Uma aula enfadonha e mnemônica seria pautada na apresentação dos tipos de clima e suas características, com descrição e dados aleatórios, a exemplo da apresentação do mapa dos climas brasileiros, levando os alunos a vê-los de maneira descontextualizada. Trata-se aqui de uma abordagem que se aproxima de uma enciclopédia e que hoje facilmente podem ser acessadas em um buscador na internet. Caracterizar e decorar os tipos de clima do mundo é a contribuição da Geografia enquanto ciência?

O raciocínio geográfico deverá ser motivado por perguntas, que incitam sobre a localização e permitem estabelecer relações e conexões lógicas num espaço, as quais denominamos em uma outra oportunidade de gatilhos geográficos (SCALERCIO, 2018). Todas as pessoas sentem os efeitos do clima, ele muda e interfere no nosso cotidiano, até mesmo no nosso humor. Morar numa cidade como o Rio de Janeiro é saber bem o que é calor. Por que aqui é quente? A sensação de calor no Rio de Janeiro é a mesma para todas as pessoas? Todos os lugares do mundo são assim? Por que aqui não tem um inverno rigoroso e com temperaturas negativas, como vemos em diversos filmes? Por que em Petrópolis, cidade vizinha, que dista pouco mais de 60km, tem um clima diferente? Pensando num outro extremo: desertos. Por que eles existem? Existem em qualquer lugar? Atuação de

massas de ar, sistemas de alta e baixa pressão, latitude, inclinação do eixo da Terra, altitude são alguns dos conteúdos que precisamos estudar e entender para explicar a lógica da distribuição espacial dos climas no Brasil e no mundo. E a partir disso, correlacionar clima com vegetação, os efeitos da ação humana na modificação das temperaturas numa cidade e até possivelmente na escala planetária.

Para ajudar na construção do entendimento da geograficidade de um fenômeno, quer dizer, de sua dimensão espacial, podemos utilizar os instrumentos da cartografia. Podemos afirmar que um fenômeno é geográfico na medida em que ele pode ser cartografado, ou seja, mapeado. Estudar a geografia das indústrias nos permite mapeá-las e produzir uma representação cartográfica com a distribuição espacial delas. Abordar o tema da desigualdade social no Brasil, nos leva a mapear os diferentes níveis entre os estados ou regiões brasileiras. Ou ainda, um mapa de IDH de alguma metrópole brasileira, que certamente evidenciará os números contrastantes entre as diferentes partes da cidade. Neste sentido, o mapa serve como um instrumento que permite compreender geograficamente os fenômenos, podendo ser utilizado em diversos momentos, tal como ponto de partida para se discutir e raciocinar o porquê dos padrões de localizações das coisas.

Considerações Finais

A partir das ideias apresentadas neste breve ensaio, podemos concluir que o que define uma aula de Geografia ou uma abordagem geográfica não se atém ao conteúdo estudado em si. Concordamos com Gomes (1997) ao não vermos sentido a separação apriorística entre uma Geografia física ou humana. Haverá sempre uma Geografia quando nos interessamos por compreender saber onde as coisas estão e por que estão organizadas e distribuídas de determinada maneira. Dessa forma, o que defini algo geográfico é a pergunta que fazemos para os objetos e fenômenos. A Geografia das coisas está numa forma de ver os fenômenos e raciocinar sobre a organização e distribuição deles. Apesar de não entrarmos nesta seara, os conceitos geográficos (espaço, paisagem, lugar, região e território) nos servem como

instrumentos analíticos da realidade os quais, cada um ao seu modo, tratam da dimensão espacial dos fenômenos.

A geografia das coisas não é um dado per si. A geografia parte da capacidade do professor e dos alunos de observarem e analisarem os fenômenos a partir de uma certa perspectiva. Aprender a fazer perguntas geográficas, de modo a tratar os fenômenos a partir de sua dimensão espacial. Logo, buscar a geografia das coisas significa - antes de mais nada - ter uma postura ativa sobre o que se estuda, buscando o desenvolvimento de um raciocínio que é próprio da nossa ciência.

Por fim, ao se estudar Geografia, se descobre que o número possível de conexões é infinito. Quando mais nos interessamos e aprofundamos, mais relações podem ser verificadas e compreendidas, sejam elas sociais, naturais, econômicas, culturais etc. Uma simples pergunta de onde, como e por que pode gerar uma série de outras indagações associadas. O exercício do raciocínio geográfico é um exercício que pode estar no nosso cotidiano, em todos os momentos. A maior contribuição da Geografia na escola é poder desenvolver nos alunos a capacidade de se perguntarem e a pensarem geograficamente o mundo.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela geografia: ensino e relevância social**. 1. ed. GOIÂNIA: C&A ALFA COMUNICAÇÃO, 2019. v. 1. 232p .

CAVALCANTI, Lana de Souza. Os Conteúdos Geográficos no Cotidiano da Escola e a Meta de Formação de Conceitos. In: Maria Adailza Martins de Albuquerque; Joseane Abílio de Sousa Ferreira. (Org.). **Formação, Pesquisas e Práticas Docentes**. 1ed.João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora LTDA, 2013, v. 1, p. 367-394.

DUARTE, Ronaldo Goulart. A Linguagem Cartográfica como Suporte ao Desenvolvimento do Pensamento Espacial dos Alunos na Educação Básica. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 187-206, jan./jun., 2017.

MÉRENNE-SCHOUMAKER, Bernadette. **Didáctica da Geografia**. Porto: Edições ASA, 1999.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GOMES, Paulo César da Costa. A longa constituição do olhar geográfico. **Revista GeoUECE - Programa de Pós- Graduação em Geografia da UECE** Fortaleza/CE, v. 1, nº 1, p. 1-7, dez. 2012. Disponível em <http://seer.uece.br/geoece>

GOMES, Paulo César da Costa. Um lugar para a Geografia: Contra o simples, o banal e o doutrinário. In: VIII ENANPEGE, 2009, CURITIBA. **Espaço e Tempo: Complexidade e desafios do pensar e fazer geográfico**. Curitiba: Ademadan, 2009. v. 1. p. 13-30.

GOMES, Paulo César da Costa. Geografia fin-de-siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato & GOMES, Paulo César (orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, pp. 13-42.

LACOSTE, Yves. **A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus Editora, 1989.

ROQUE ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira; VALADÃO, Roberto Célio. Professor de Geografia: entre o estudo do fenômeno e a interpretação da espacialidade do fenômeno. In: **Colóquio Internacional de Geocrítica. Barcelona: Universidad de Barcelona, Anais Eletrônicos**, 2014.

ROQUE ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira; VALADÃO, Roberto Célio. Complexidade conceitual na construção do conhecimento do conteúdo por professores de geografia. **Revista brasileira de educação em Geografia**, v. 7, p. 5-23, 2017.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: EdUSP, 2009 [1996]

SCALERCIO, Vitor. Ensino de Geografia e Pensamento Espacial: reflexões epistemológicas e a atividade de pesquisa do LENpGEO. **Giramundo - Revista De Geografia do Colégio Pedro II**, v. 5, p. 57-71, 2018.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados** 32 (93), USP, 2018, pp. 175-195.